

---

## NAU Migração: Pesquisa encomendada sobre a região do Museu da Imigração – uma possibilidade de compreensão da metrópole

Alvaro Katsuaki Kanasiro, Ana Luísa Nakamoto, Gustavo Taniguti, Karina Satomi, Samara Konno e Thiago Santos Haruo

---



### Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/pontourbe/1936>

DOI: 10.4000/pontourbe.1936

ISSN: 1981-3341

### Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

### Referência eletrónica

Alvaro Katsuaki Kanasiro, Ana Luísa Nakamoto, Gustavo Taniguti, Karina Satomi, Samara Konno e Thiago Santos Haruo, «NAU Migração: Pesquisa encomendada sobre a região do Museu da Imigração – uma possibilidade de compreensão da metrópole», *Ponto Urbe* [Online], 8 | 2011, posto online no dia 14 agosto 2014, consultado o 01 setembro 2023. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/1936>; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.1936>

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 1 setembro 2023.



Creative Commons - Atribuição 4.0 Internacional - CC BY 4.0

<https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/>

---

# NAU Migração: Pesquisa encomendada sobre a região do Museu da Imigração – uma possibilidade de compreensão da metrópole

Alvaro Katsuaki Kanasiro, Ana Luísa Nakamoto, Gustavo Taniguti, Karina Satomi, Samara Konno e Thiago Santos Haruo

---

- 1 De maio a junho de 2011, o grupo de pesquisa e estudos 'NAU Migração', do Núcleo de Antropologia Urbana, realizou uma pesquisa etnográfica encomendada pelo Instituto de Arte do Futebol Brasileiro. A instituição, além de gerir das atividades no Museu do Futebol, também é responsável pela reestruturação do Memorial do Imigrante, que voltará a ser denominado de Museu da Imigração. A reestruturação é tanto física quanto de perfil e conteúdo: o novo museu deverá ser um equipamento moderno, com recursos multimídia e maior interação com o público visitante – diferente da proposta anterior.



- 2 Sendo assim, um dos passos para essa mudança de envolvimento com o público para sobre o entendimento no entorno do próprio equipamento. Como é a vizinhança que circunda o museu? Quem são as pessoas que transitam pelas ruas adjacentes? E quanto aos equipamentos de transporte público? Qual é a expectativa dos moradores da região sobre o museu? Norteado por essas questões e com o espaço de pesquisa delimitado pelo contratante, o grupo foi a campo em busca de melhor compreensão da realidade local e, principalmente, com o intuito de coletar propostas para o museu. Os seis pesquisadores do 'NAU Migração' fizeram aproximadamente dois meses de pesquisa de campo; o restante do período (cerca de 15 dias) foi alocado para análise dos dados e obtenção de entrevistas. Escolhia-se uma área e dividia-se o grupo em duplas ou trios, dependendo da dimensão da rua a ser esquadrinhada. O primeiro passo foi mapear todas as ruas das regiões A, B e C, catalogando todos os imóveis compreendidos nas ruas. Mais tarde a área opcional D foi incorporada ao trabalho de campo, pois ali está localizada a sede de uma entidade assistencialista e uma igreja que integra o circuito de igrejas católicas da região.



- 3 Após uma caminhada exploratória pelas regiões demarcadas, que nos forneceu ótimas pistas de como dar início ao campo e elaborar levantamentos preliminares, a pesquisa etnográfica começou a região B, haja vista que é a área que agrega o museu<sup>1</sup> e que possui grande quantidade de moradores residindo em condomínios verticalizados.



- 4 As principais vias são a Rua Visconde de Parnaíba (a rua do museu), a Rua Dr. Almeida Lima, Av. Alcântara Machado, e as Ruas Frei Gaspar e Ipanema. Essa região é caracterizada por possuir muitas fábricas antigas. Durante a pesquisa, as fábricas estavam desativadas e seu espaço fora apropriado para novos empreendimentos, sendo transformados em galpões para estoque de grande variedade de produtos, desde peças de equipamento industrial a tapetes e estofados. Novas fábricas foram surgindo, mas o perfil de todas é a manufatura de peças metalúrgicas e mecânicas. Batizamos essa região como a “mancha das máquinas”, que também envolve um trecho da Rua Visconde de Parnaíba, que continua na região C. Ainda, alguns prédios se tornaram escritórios ou empresas especializadas em serviços de telemarketing.



- 5 Junto às fábricas há forte presença de moradores residindo nos condomínios próximos ao museu. Através da coleta de seus depoimentos, há grande queixa contra assaltos e moradores em situação de rua, enchentes, problemas de descaso com lixo nas calçadas (e que entopem os bueiros, potencializando a ocorrência das enchentes), má iluminação das vias e os trilhos do bonde que ficava estacionado em frente ao museu, mas que foi retirado por falta de manutenção. Há ainda grande preocupação com uma passarela situada bem ao lado do museu, mas que fica escondida devido a um muro que a encobre. Muito provavelmente apenas quem conhece a região reconhece a existência da passarela que atravessa os trilhos do trem da Companhia Paulista de Trens Metropolitanos (CPTM). Constatamos que seu estado é degradante, há dejetos e fezes humanas, além de lixo acumulado, criando um odor bastante desagradável. Segundo relatos, a passarela serviria como “rota de fuga” para bandidos que eventualmente assaltam os transeuntes e moradores da região, pois através de uma fenda na estrutura da escada é possível adentrar na linha de trem. A questão que envolve a passarela é antiga. Há um impasse entre CPTM e Prefeitura para ver quem deveria ser o responsável pelo equipamento. Enquanto ninguém assume sua responsabilidade, a via fica abandonada. Como se verá adiante, na conclusão desse texto, sugerimos que o museu tome a responsabilidade pelo equipamento e proporcione seu revigoramento através do fluxo de pessoas. A passarela possui um estilo arquitetônico ímpar e funciona perfeitamente como local de passagem entre a estação Brás e a Rua Visconde de Parnaíba, permitindo acesso ao museu.
- 6 Na região B também está localizada, na Rua Dr. Almeida Lima, uma unidade da Universidade Anhembi-Morumbi e o Arsenal da Esperança, instituição sem fins lucrativos que mantém um programa gratuito de ajuda a pessoas em situação de rua. Através da etnografia constatamos que os estudantes não possuem muito interesse pelo museu, encarando a região como local apenas de estudo e de sociabilidade nos recentes bares que abriram por conta da forte presença de jovens universitários.
- 7 O projeto do Arsenal da Esperança, alocado no mesmo terreno que o Museu da Imigração, local da antiga Hospedaria dos Imigrantes, é visto com certa desconfiança por parte dos moradores entrevistados. Um informante nos forneceu um depoimento bem interessante: “O Arsenal faz a coisa certa no local errado”. A maioria dos moradores que travamos contato não é contra o trabalho comunitário prestado pela entidade, contudo, suas atividades de acolhimento terminariam por atrair diversos indivíduos em situação de fragilidade social que rondariam as ruas próximas fazendo vítimas de assalto. A constante presença de pessoas em situação de rua, desconhecidas e “de fora” do bairro, desagradaria os moradores locais. Segundo um dos encarregados

pelo projeto, entre os usuários do Arsenal há pessoas de boa índole ou má índole. Mesmo com regras severas<sup>2</sup>, pode ser que algum usuário mal intencionado cause problemas para os moradores do entorno. Na época da etnografia, cerca de 1260 homens<sup>3</sup> dormiam no alojamento. Ao longo do dia havia uma série de cursos e atividades para aperfeiçoamento e capacitação profissional dos internos, mas não havia vagas para todos, uma vez que tais atividades são realizadas por turmas que se revezam – além de que o interno é incentivado a procurar ocupação depois de receber instrução através dos cursos de capacitação. A ideia era que o Arsenal fosse um abrigo temporário, cujo intuito é fornecer o mínimo necessário (alimento, abrigo, possibilidade de higiene pessoal e aprendizado de um ofício simples) para que o indivíduo em situação de fragilidade social se tornasse autônomo e procurasse emprego e sustento por conta própria. Entretanto, é possível que nem todos os internos cadastrados estejam dispostos a seguir essa prescrição ou pode ser que, de fato, várias barreiras sociais o impeçam de adquirir sua autonomia: alguns internos relataram que não forneciam o endereço do Arsenal da Esperança quando preenchiam a ficha de cadastro para uma vaga de emprego. O candidato acaba sendo rotulado de forma negativa por fazer parte de um projeto assistencial.



- 8 O programa de assistência do Arsenal da Esperança é mantido por um grupo denominado 'Associação ASSINDES SERMIG', fruto da união da entidade de origem italiana SERMIG (Servizio Missionaria Giovani) com o ASSINDES (Associações Internacionais para o Desenvolvimento). Ambos eram coordenados por grupos católicos e agiam de forma autônoma. No Brasil, em 1996, durante gestão do ex-governador Mário Covas, foi concedido, através de contrato, parte da Hospedaria dos Imigrantes para o grupo, mantendo o ideal da "casa que acolhe". Porém, dessa vez o alvo não seria especificamente imigrantes que vinham para o Brasil em busca de emprego, mas sim pessoas em situação de fragilidade social.
- 9 Através da relação estabelecida com a professora Maria do Rosário, coordenadora do programa de Mestrado em Hospitalidade da Universidade Anhembi-Morumbi, entramos em contato com uma nova possibilidade de leitura do campo que estava a nossa frente: trata-se da ideia da *hospitalidade*. É como se a metrópole possuísse equipamentos específicos para acolher indivíduos que vivem nas margens da sociedade; a cidade se mostra acolhedora, ao invés de feroz e fortemente excludente. As regiões A,

B, C e D possuem equipamentos com esse caráter. Além do Arsenal da Esperança, já citado, dentro da região A foi possível entrar em contato com outras duas casas de acolhida, o Lar de Nazaré e a casa São Lázaro, que aceitam famílias inteiras (mulheres e crianças), diferente do perfil atendido pelo Arsenal da Esperança. Há ainda, na região A, na rua Dr. Almeida Lima, um Telecentro que oferece acesso gratuito à internet. Na região D reside a Ocas, projeto de inclusão social através da venda de revistas cujo conteúdo cultural é diferente das revistas encontradas em bancas de jornal e livrarias – sua aquisição só pode ser realizada através dos vendedores do projeto, não sendo comercializada de outra forma. Na Av. Alcântara Machado há um ‘bagageiro’ que oferece armários para se guardar objetos e pertences pessoais. Na Rua Vinte e Um de Abril, situada na área A, existem diversas recicladoras e carroças com entulho estacionadas.



- 10 Não foi possível penetrar nessa rede de acolhimento da forma como gostaríamos, uma vez que o objetivo da pesquisa não era esse. Mas atentar para a existência desses serviços e equipamentos foi imprescindível para compreender a realidade social no entorno do museu.
- 11 Além dessa rede de acolhida, o campo de pesquisa conta ainda com dois projetos que visam melhorar a condição de vida dos moradores, são as organizações ‘Amigos da Praça’ e ‘Amo a Mooca’. A entidade Amigos da Praça conseguiu, após 10 anos de reivindicações e luta, a revitalização de um terreno degradado próximo ao metrô Brás, criando o Parque Municipal Benemérito José Brás. A construção de uma *identidade mooquense* é o que mobiliza as atividades da Associação Amo a Mooca. Localizada na tradicional Rua Javari, seu objetivo é pleitear por melhores condições de vida dos moradores do bairro da Mooca, ao mesmo tempo que luta para manter viva a história do bairro e sua identidade: a Mooca tem bandeira, hino e dialetos próprios, além do famoso time de futebol Juventus da Mooca. A questão da denominação da região propõe uma questão identitária interessante: para Dona Zina, presidente da associação na época da etnografia, o bairro da Mooca conformaria toda região das áreas B e E. A princípio, a separação entre os bairros da Mooca e Brás começou com a criação da Av. Alcântara Machado (Radial Leste); a parte ao sul do mapa seria Mooca, o restante ao norte da avenida seria o Brás. Entretanto, Dona Zina reconhece que a subprefeitura

local recebeu o nome de “Subprefeitura da Mooca”, e não “Subprefeitura do Brás” ou “Subprefeitura do Tatuapé”; portanto, toda região, de acordo com o raio de ação abarcado pela Subprefeitura da Mooca, pode ser apreendido como bairro da Mooca. O Museu da Imigração seria parte da Mooca e das estratégias de construção identitária da organização.



- 12 Outros dois elementos importantes da pesquisa são o circuito das igrejas católicas espalhadas pelo campo de pesquisa e a forte mancha comercial presente na área A, próximo à saída de trem da estação Brás. Situa-se ali diversas ‘casas do norte’, lojas de produtos vindos das regiões Norte e Nordeste do país; dali também partem e chegam ônibus clandestinos vindos dessas localidades, estabelecendo uma rota de entrada e saída desse grupo. A área formada pela Av. Rangel Pestana, Rua Bresser, Rua Vinte e Um de Abril e Dr. Almeida Lima conformam uma grande mancha comercial, agregando o comércio de panos, tecidos, roupas e calçados, além de diversos outros produtos comercializados de forma informal. Não podemos esquecer que, durante a etnografia, percebemos grande movimentação de imigrantes bolivianos residindo nessa área<sup>4</sup>. Isso não ocorre por acaso, dada a proximidade entre as oficinas de costura e os pontos de venda. Parte dessa moradia está localizada em prédios e casas antigas, o aspecto lembra uma construção semi-abandonada devido ao descuido com a fachada. Não descartamos a possibilidade de várias famílias estarem dividindo um mesmo teto, nem que há separação entre a oficina (local de trabalho) e o local de moradia. Parte da ideia que se constrói sobre os bolivianos é que eles constituem um grupo que se auto exploraria: o exemplo do dono da oficina, também boliviano, que recruta mão de obra barata e a mantém sobrevivendo em condições precárias de moradia deve ser melhor problematiza, pois a questão da exploração (ou não exploração) da mão de obra imigrante é muito complexa para ser reduzida em cima de uma única perspectiva.
- 13 Ficamos impressionados com a Rua Coimbra, em ambas as calçadas há lojas, restaurantes, lanchonetes e até “peluqueras” bolivianas; nessa rua constatamos que há mais bolivianos do que brasileiros residindo e transitando nela, pelo menos aparentemente. Observamos a presença de imigrantes angolanos, mas não foi possível entrar em contato com tais atores, dada a dificuldade em se aproximar deles.



14 O circuito de igrejas católicas é, na verdade, o circuito de festividades das paróquias envolvidas, são elas: Nossa Senhora dos Ferrovários, Nossa Senhora de Casaluce, Igreja São Bom Jesus do Brás (todas etnografadas) além das igrejas de São Vito e a igreja de São Genaro, que estavam além dos limites do campo de pesquisa proposto. O calendário de cada igreja é montado levando-se em conta todas as festividades das outras igrejas, não havendo conflito nas datas de comemoração. Tais comemorações são importantes elementos culturais que caracterizam a região, por exemplo, a igreja de Nossa Senhora de Casaluce se orgulha de promover a festa italiana tradicional mais antiga da cidade.

#### 15 **Considerações finais**

16 Essa foi uma leitura bastante rápida de como a pesquisa foi conduzida, iluminando alguns pontos que achei mais interessante para um artigo de apresentação da pesquisa. A pesquisa serviu como um laboratório que possibilitou experimentações com novas ferramentas de análise e exploração etnográfica. Por exemplo, em algumas ruas nós fizemos um levantamento de todos os imóveis presentes, catalogando de acordo com o número e atividade exercida. Baseando-se em mapas da EMPLASA, criamos um novo mapa com um olhar mais aproximado sobre a região, explicitando os usos que o solo recebe. O software QSR Nvivo 8, que classifica trechos de entrevistas transcritas classificando trechos do discurso coletado permitindo a criação de categorias explicativas que auxiliam (ou confirmam) a análise quantitativa.

- 17 As propostas que coletamos juntos aos atores no campo deixam transparecer que o museu é visto como um importante agente de revitalização do bairro. Entrar nas redes já existentes (CONSEG, associações de bairro, universidade, instituições assistenciais e sociais) através do estabelecimento de parcerias ajudaria o museu a se promover com a comunidade local. Assegurar segurança à passarela proporcionaria sua revitalização, uma vez que um maior fluxo de pessoas transitaria por ela. Alguns entrevistados revelaram que há falta de lazer na região, e que o museu poderia oferecer mais opções de atividade do que as exposições em si. A implantação de um restaurante ou café fora do museu, num espaço em que não seria necessário se pagar pelo ingresso, seria um ponto de encontro, descanso e de trocas que intensificaria o fluxo de transeuntes pelo local. Vale lembrar que a Rua Visconde de Parnaíba foi cortada pela linha do trem, tornando-se sem saída - a única ligação com o outro lado da linha é a já mencionada passarela.
- 18 A reabertura do museu certamente trará impactos para o bairro, esperamos que tais mudanças na vida local seja positiva. Ao longo da pesquisa descobrimos diversos “universos” agrupados: há uma miríade de atores, alguns em conflito por conta de seus interesses, outros buscando implementar soluções para a região. A nosso ver, o bairro da Mooca tem muito potencial para ser apenas um “bairro de passagem”, como se queixa Dona Zina. Diante desse cenário, o Museu da Imigração tem tudo para assumir papel preponderante na região, transformando não só culturalmente, mas também socialmente a metrópole.
- 

## NOTAS

1. Destacado no mapa com a indicação “A”.
  2. Não se pode, por exemplo, entrar no prédio bêbado ou com sinais de que se está drogado. Os horários para dormir e acordar, e de entrada e saída do prédio são severamente controlados.
  3. A casa só atende homens maiores de idade.
  4. Na verdade, quase em todas as regiões (A, B e C) foi possível encontrar bolivianos.
- 

## AUTORES

**ALVARO KATSUAKI KANASIRO**

Bacharel em Ciências Sociais - USP. [kanasiro.alvaro@gmail.com](mailto:kanasiro.alvaro@gmail.com)

**ANA LUÍSA NAKAMOTO**

Mestranda em Sociologia - USP

**GUSTAVO TANIGUTI**

Doutorando em Sociologia - USP

**KARINA SATOMI**

Graduanda em Ciências Sociais - USP

**SAMARA KONNO**

Graduanda em Ciências Sociais - Unesp (FFC-Marília)

**THIAGO SANTOS HARUO**

Graduando em Relações Internacionais - USP